

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA
DIRETORIA DE CURRÍCULOS E EDUCAÇÃO INTEGRAL
COORDENAÇÃO GERAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL

PROJETO DE FORTALECIMENTO INSTITUCIONAL DAS SECRETARIAS
MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO NA FORMULAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DA
POLÍTICA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Estudo propositivo sobre a organização dos espaços externos das unidades do Proinfância em conformidade com as orientações desse programa e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEIs) com vistas a subsidiar a qualidade no atendimento.

MARIA DA GRAÇA SOUZA HORN
CONSULTORA

BRASÍLIA
2014



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA
DIRETORIA DE CURRÍCULOS E EDUCAÇÃO INTEGRAL
COORDENAÇÃO GERAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Consultora: Maria da Graça Souza Horn

Entidade: UNESCO

Diretoria/Coordenação: Diretoria de Currículos e Educação Integral/Coordenação Geral de Educação Infantil

Projeto: (914BRZ1041- SEB PNE)

Estudo propositivo sobre a organização dos espaços externos das unidades do Proinfância em conformidade com as orientações desse programa e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEIs) com vistas a subsidiar a qualidade no atendimento.

Autenticação do Consultor

Local e data: Porto Alegre,

Assinatura do consultor:

Aprovação do Supervisor

Atesto que os serviços foram prestados conforme estabelecido no contrato de consultoria.

Local e data:

Assinatura e carimbo

Brasília, de de 2014.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	5
2. PERGUNTAS NORTEADORAS PARA PENSAR A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EXTERNO	8
2.1. POR QUE É IMPORTANTE BRINCAR E INTERAGIR EM ESPAÇOS EXTERNOS?	8
2.2. AS CRIANÇAS TAMBÉM APRENDEM NOS ESPAÇOS EXTERNOS? .	10
2.3. COMO PODEMOS ORGANIZAR OS ESPAÇOS EXTERNOS?	13
3. SUGESTÕES DE MATERIAIS E EQUIPAMENTOS	20
3.1. MATERIAIS E EQUIPAMENTOS	22
4. PARA AVALIAR E REFLETIR	29
REFERÊNCIAS.....	31

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 2.1 SUGESTÃO DE ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇO EXTERNO PARA CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS	17
FIGURA 2.2 SUGESTÃO DE ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇO EXTERNO PARA CRIANÇAS DE 4 A 6 ANOS	18
FIGURA 3.1 CAMINHÃO COM ESCADA	22
FIGURA 3.2. CASINHA	24
FIGURA 3.3. PEDAÇOS DE MADEIRA PRÉ MOLDADOS.....	24
FIGURA 3.4. ESCADAS DE TRONCOS	25
FIGURA 3.5. FOGÃO A LENHA	25
FIGURA 3.6. LABIRINTO DE MADEIRA.....	26
FIGURA 3.7. MESA DE MADEIRA COM BANCOS ACOPLADOS.....	26
FIGURA 3.8. PERISCÓPIO	27
FIGURA 3.9. TUNEL	27
FIGURA 3.10. PAINEL DE MADEIRA.....	28

1. APRESENTAÇÃO

Este material tem como referência o diagnóstico da utilização dos espaços físicos em unidades do Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para Rede Escolar Pública de Educação Infantil (Proinfância) por amostra, o qual apontou as principais distorções, subutilizações e dificuldades na organização dos espaços físicos conforme proposto no projeto (Horn, set. 2013).

O documento que norteia e estabelece princípios para a educação infantil no Brasil é o Parecer CNE/CEB nº 20/09 (BRASIL, CNE, 2009), que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs). Esse documento destaca que a organização dos espaços e dos materiais deverá prever estruturas que facilitem as interações das crianças, permitindo-lhes construir sua cultura de pares. Destaca ainda que é indispensável o contato com a diversidade de produtos culturais (livros de literatura, brinquedos, objetos e outros materiais), com manifestações artísticas e com elementos da natureza.

O diagnóstico realizado evidenciou, com relação aos espaços externos, que *existe* uma clara divisão entre a atividade pedagógica como exclusiva dos espaços internos e a atividade de diversão e desafogo para os espaços externos, o que evidencia uma atitude de tomar a sala de aula como lugar privilegiado de todas as atividades consideradas como educativas. Via de

regra, o parque é única possibilidade de brincar lá fora com gangorra, escorregador, balanços e caixa de areia, sendo considerado por muitas educadoras como a única alternativa de interação no pátio. Em algumas unidades, encontram-se casinhas de bonecas, porém sempre vazias, sem nenhum elemento que suscite enredos do faz de conta, como panelas, pratos, fogão, mesas, cadeira e bonecos.

A falta de sombra e de espaços que promovam outras atividades além do correr é uma recorrência em todos os pátios observados em unidades do Proinfância. Esse quadro demonstra um ambiente estéril na oferta de experiências variadas e qualificadas às crianças. Nessa perspectiva, o modo de organizar o espaço externo alinha-se à perspectiva de uma pedagogia tradicional, legitimando-se a ideia de que somente nas salas de atividades há uma intencionalidade pedagógica, ou seja, dentro da escola se aprende, enquanto lá fora se corre ou se brinca na areia. Os modos de arranjar os espaços físicos e o livre acesso das crianças aos brinquedos e materiais é a do *não* protagonismo das crianças, do *não* entendimento de que elas aprendem em todos os espaços disponibilizados na escola infantil.

Com base em tais achados, este material apontará caminhos que vislumbrem o entendimento de que, em todas as dependências da instituição de educação infantil, uma criança ativa e protagonista encontrará desafios que a convide e instigue a aprender, com destaque aos espaços externos e às inúmeras possibilidades de brincar e interagir que ali podem ser oferecidas às crianças.

A organização deste material se norteará por perguntas e indagações que pontuarão aspectos importantes da organização dos espaços externos dos prédios tipo B e C do Proinfância:

- Por que é importante brincar e interagir nos espaços externos?
- Como podemos organizar os espaços externos?
- Que materiais poderão ser disponibilizados nos diferentes espaços do pátio?

Também serão apresentadas ilustrações de diversos materiais e equipamentos para serem utilizados no pátio.

2. PERGUNTAS NORTEADORAS PARA PENSAR A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EXTERNO

2.1. POR QUE É IMPORTANTE BRINCAR E INTERAGIR EM ESPAÇOS EXTERNOS?

O cotidiano vivido por nossas crianças, principalmente nos grandes centros urbanos ou em suas periferias, permite-lhes viver uma infância que se distancia cada vez mais do brincar com a terra, a água e o fogo, elementos que estão presentes na vida ao ar livre. O afastamento desse convívio mais próximo com o mundo natural imposto pela vida moderna impede relações vitais e constitutivas do ser humano com a natureza. A necessidade de áreas verdes nos grandes centros é tão importante que não podemos prescindir de nenhum espaço que possa oferecer essas áreas, e especialmente os espaços formais de educação deverão ocupar tal lacuna.

Segundo Beatriz Fedizzi (2013), a inter-relação do homem com a natureza apresenta grande importância em sua vida, trazendo-lhe inúmeros benefícios tanto emocionais quanto funcionais. Em se tratando de crianças, o contato com a vegetação tem ainda mais impacto, de modo que a interação com a natureza influencia o desenvolvimento e também auxilia no aprendizado,

atuando em duas frentes. O pátio escolar pode contemplar esses aspectos, desde que haja um planejamento que atenda a tais necessidades.

A organização dos espaços externos apoia-se no projeto pedagógico da unidade, que deve nortear as ações das crianças e dos professores, oferecendo pistas importantes sobre a ideia de infância que desejam assegurar os educadores que ali atuam. Como já afirmamos anteriormente, o que vemos muitas vezes em nossa realidade é uma escola infantil alinhada a um modelo tradicional, que não abre esse espaço. Tal evidência está relacionada a uma concepção de que este é um lugar onde “se ensina” e, portanto, deverá ter prioritariamente as mesas, os berços, as cadeiras e as crianças, que “aprendem passivamente”. Brincar com terra e água, assim como poder subir em árvores, são atividades consideradas distantes e pouco importantes.

O confinamento entre as quatro paredes parece ser a realidade vivida por muitas de nossas crianças, fadadas a ver o sol, a sentir o ar, a subir nas árvores em exprimidos intervalos de tempo ou através de janelas estreitas: “Cada vez mais se colocam lajes nos pátios, se encurtam os horários de se estar nesses locais, com a desculpa de que causa ‘transtornos e trabalho’ o fato de as crianças encherem os sapatos com areia, se sujarem com o barro, se molharem com a água e também a crença de que para realmente aprenderem o que a escola tem de ensinar, as atividades com lápis, papel, realizadas em mesas, devem ser as mais importantes” (Horn e Haddad, 2013).

Segundo Janaína Caobelli (2013), vários pesquisadores vêm estudando os efeitos de uma pedagogia vivida ao ar livre. A autora destaca a contribuição desses pesquisadores, sintetizando nos seguintes aspectos os efeitos positivos da interação das crianças com a natureza:

- desenvolvimento do poder de observação e da criatividade;
- promoção do uso da linguagem e das habilidades cooperativas;
- alívio do estresse e possibilidade de lidar com as adversidades;
- auxílio no tratamento a crianças com déficit de atenção;
- melhor desempenho da coordenação motora;
- desenvolvimento da imaginação e despertar de um sentimento de admiração pelo mundo.

Portanto, é primordial organizarmos contextos significativos para as crianças também nos espaços externos, onde elas possam colocar-se em relação umas com as outras e sintam-se desafiadas a interagir com diferentes materiais, legitimando o princípio de que todos os espaços são potencialmente promotores da brincadeira e da interação. Esse dado contempla os eixos brincar e interagir, das DCNEIs, os quais deverão nortear as propostas pedagógicas das instituições de educação infantil, concebendo a criança como protagonista, capaz e competente, com muita energia e necessidade de exercitá-la.

2.2. AS CRIANÇAS TAMBÉM APRENDEM NOS ESPAÇOS EXTERNOS?

Partimos da premissa de que o meio, aqui entendido como espaço no qual acontecem as relações entre pares e os usos dos materiais e as atividades, constitui um fator preponderante para o desenvolvimento dos

indivíduos, fazendo parte constitutiva desse processo. As crianças, ao interagirem nesse meio com outros parceiros, aprendem pela própria interação e imitação. Nesse sentido, podemos afirmar que o espaço externo, assim como o interno, é promotor das aprendizagens infantis.

Quando afirmamos que o ambiente é composto por gosto, toque, sons e palavras, regras de uso do espaço, luzes e cores, odores, mobílias, equipamentos e ritmos de vida e que também é importante educar as crianças no sentido de observar, categorizar, escolher e propor, possibilitando-lhes interações com diversos elementos, não estamos somente nos referindo a ações realizadas em espaços internos. Essa ideia é igualmente válida para os espaços externos.

Entendemos, então, que o espaço externo deve ser utilizado como um prolongamento das salas de atividades. Os prédios de Proinfância, tanto os de tipo B quanto os de tipo C, apresentam uma estrutura arquitetônica que permite a comunicação direta entre as salas de atividade e os espaços externos, unindo os dois ambientes. Essa estrutura possibilita às crianças o estar dentro e fora, podendo interagir de forma autônoma e independente. Ou seja, tanto dentro da sala de referência quanto fora dela existe a possibilidade de escolhas que independem da ordem e do direcionamento dos adultos, constituindo-se em momentos ricos e prazerosos de aprender.

Sem dúvida, os espaços externos possibilitam às crianças aprendizagens tão significativas como as que se constroem nos ambientes das salas de atividades, contemplando os eixos estruturantes apontados nas DCNEI, a saber: o brincar e o interagir. O espaço externo acrescenta, porém,

outra dimensão ao processo de aprendizagem, como aponta Teresa Arribas (2004):

- o espaço externo coloca a criança em situação de adaptar-se a novas experiências que exigem dela novas respostas. A diversidade baseia-se nas possibilidades. Nesse ambiente, são propiciados vários e ricos intercâmbios, sendo amplamente contemplados os processos de socialização e de cooperação, oportunizando trocas com outros grupos de crianças, de diferentes faixas etárias;
- a possibilidade de estar em contato com a natureza é oferecida, o que na vida moderna torna-se bastante restrito às crianças, incluindo-se atividades como brincar com terra, água, plantas e animais;
- a possibilidade de exercitar-se em amplos movimentos também é proporcionada às crianças como correr, saltar, subir em árvores.

A organização de contextos externos que sejam significativos para as crianças, que as coloquem em relação umas com as outras, que desafiem sua interação com diferentes materiais não somente é possível, como também imprescindível em uma escola infantil que entende ser o espaço um parceiro pedagógico das práticas cotidianas.

Portanto, é de suma importância que materiais diversificados e desafiadores sejam disponibilizados às crianças, os quais permitam interações e brincadeiras significativas, realizadas de forma autônoma e independente. A possibilidade de organização em áreas diferenciadas proporcionará condições

para que essas interações sejam realizadas de maneira qualificada, possibilitando aprendizagens prazerosas e necessárias.

2.3. COMO PODEMOS ORGANIZAR OS ESPAÇOS EXTERNOS?

Os professores e gestores precisam analisar como o espaço externo deve ser estruturado para acolher as experiências das crianças, que não são apenas motoras, mas também afetivas, relacionais e cognitivas. O ambiente externo deve ser acolhedor, seguro, acessível às crianças com locomoção dificultada, estimulante e asseado, colaborando para o alcance das metas educacionais propostas. É particularmente importante considerar que nesses espaços também estarão interagindo crianças com alguma deficiência motora ou visual, entre outras.

Conforme já salientamos, os mesmos critérios e princípios que pensamos para organizar espaços internos (ver produto 2....) são válidos para a organização dos espaços externos. Porém, devemos relevar as especificidades e características de cada tipo de espaço, que privilegiará atividades diferenciadas ou mais adequadas a serem realizadas em cada um deles. Segundo Teresa Arribas (2004), para que sejam viabilizados espaços qualificados nos pátios e nas áreas externas, alguns aspectos deverão ser contemplados, tais como:

- a amplitude dos espaços externos;
- o acesso direto das salas de atividades para a área de transição ou semicoberta;

- o equilíbrio entre espaços demasiadamente estruturados ou sem estrutura;
- a distribuição de espaços para atividades distintas (movimento/repouso, segurança/aventura, socialização/autonomia, imitação/criação);
- a criação de espaços nos quais a criança possa ter privacidade (buracos, cabanas, etc.);
- a previsão de espaços com sombra e com sol;
- a previsão de pisos diversificados, como terra, pedra, madeira, grama, etc.;
- a previsão de equipamentos de madeira, substituindo, sempre que possível, os de plástico;
- a manutenção constante dos equipamentos e materiais.

Adotando-se esses critérios como norteadores, torna-se possível propor áreas diferenciadas nos espaços externos, levando-se em conta a ideia de que neles as crianças não só correm, exploram o escorregador, a gangorra e os balaços. Elas podem optar e escolher entre diferentes oportunidades que lhes são disponibilizadas nas áreas que promovem a construção de aprendizagens nas diferentes linguagens infantis. O aconchego e o acolhimento também deverão estar presentes nesses espaços, priorizando-se a diversidade em relação aos tipos de piso, como terra, grama, areia, etc. A consideração desses aspectos corrobora para qualificar as experiências das crianças.

Esses critérios estarão contemplados em áreas diferenciadas, as quais privilegiarão atividades de diferentes naturezas. A seguir, descrevemos alguns espaços que poderão ser organizados no espaço externo, a título de sugestão e não de “receituário”. Salientamos que há outros modos de considerar esses locais, materiais e equipamentos, à luz seja dos interesses das crianças, seja das especificidades regionais onde se insere a instituição de educação infantil.

- **Área para jogos tranquilos**

Espaço desenvolvido em locais planejados para realização de jogos de montar e de tabuleiro, assim como para conversas entre pares e para leituras de livros. A sombra das árvores, os quiosques de trepadeiras ou ramagens constituem-se em locais privilegiados para essas ações de natureza mais tranquila.

- **Área para brinquedos de manipulação e construção**

Um princípio que sempre devemos considerar quando selecionamos espaços e materiais para a interação das crianças são as diversas respostas que esses elementos oferecem quando elas agem sobre os mesmos. Diferentes pedaços de madeira, baldes e pás, entre outros, oferecerão às crianças oportunidades para construção e manipulação nesse espaço do pátio.

- **Área estruturada para jogos de movimento**

Este é um espaço que deve ter amplitude suficiente para jogos de corrida e deslocamento com triciclo, carrinhos e patinetes. As crianças necessitam explorar intensamente materiais e equipamentos que lhes permitam exercitar a coordenação ampla dos movimentos.

- **Área para equipamentos de parque**

Neste espaço, poderão estar colocados os equipamentos para andar de balanço, gangorra, trepa-trepa e escorregador, considerando-se sua multifuncionalidade e oferecendo-se várias possibilidades de interação.

- **Área para jogos imitativos**

O jogo simbólico não pode ser esquecido nos espaços externos. Assim, a oferta de elementos como casa de boneca e casa da árvore, bem como a disponibilização de objetos que suscitem diferentes enredos do faz de conta são fundamentais.

- **Área não estruturada para jogos de aventura e imaginação**

Os espaços ao ar livre por si convidam à aventura e à imaginação. Elementos que desafiem as crianças nesse sentido, tais como cordas atadas às árvores, pontes de madeira interligando as árvores, cantos para se esconder, buracos em cercas e ramadas serão importantes aliados na qualificação dessas experiências.

A fim de ilustrar modos diferenciados de organizar espaços externos para crianças menores (0 a 3 anos) e para crianças maiores (4 a 6 anos), apresentamos a seguir sugestões que poderão inspirar possíveis organizações. Cabe considerar que as diversidades regionais deverão estar contempladas tanto nas propostas de materiais para compor as diferentes áreas quanto na organização e localização dos espaços propostos.

As sugestões a seguir explicitadas foram pensadas a partir da organização descrita acima, prevendo formas de organizar os espaços externos na perspectiva de áreas diferenciadas, para melhor atender as necessidades das crianças de zero a três anos e de quatro a seis anos. É importante considerar que este modo de organização deverá ser um modelo inspirador e não um “receituário” a ser seguido. As diferenças regionais, culturais e os interesses das crianças deverão sempre nortear esta organização. É importante destacar também que podemos utilizar as sugestões indicadas para crianças menores nos espaços pensados para as crianças maiores e vice versa.

FIGURA 2.1 SUGESTÃO DE ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇO EXTERNO PARA CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS



Nesta organização estão contempladas as áreas acima sugeridas constituídas de: quiosque para guardar utensílios utilizados para mexer na terra: pás, baldes, regadores; caixa de madeira com telhas para guardar brinquedos; vila com casinhas de madeira para entrar, circular, passar de uma para outra, olhar através dos buracos; canteiro para plantar; brinquedo em madeira com mesanino, escada, rampas, ninhos, casinha embaixo do mesanino; caminhos de pedras e tocos; torneira para colocar mangueira ou esguicho para espalhar e coletar água; balanços confeccionados com pneus e madeira; pisos de terra, pedras e tocos de madeira.

FIGURA 2.2 SUGESTÃO DE ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇO EXTERNO PARA CRIANÇAS DE 4 A 6 ANOS



Nesta organização estão contempladas as áreas acima sugeridas constituídas de: casa construída na árvore com madeira reaproveitada, coberta com telhas de barro ou palha; ponte pênsil de madeira e corda com corrimão unindo duas árvores; tinas com tampas e torneira para recolher água da chuva; horta com cerca de madeira; chafariz no meio de pequena área revestida de cimento ou lajotas; aparelho de escalar acoplado a uma árvore; quiosques cobertos com palhas ou plantas comestíveis; canteiro com flores; rede indígena ou trançada com palha, balanço de madeira suspenso com cordas com possibilidades de alternas lugares de fixação; caminho alternado com brita e madeira; caixote com divisórias para colocar pedras, serragem, areia grossa e fina.

3. SUGESTÕES DE MATERIAIS E EQUIPAMENTOS

Os materiais e equipamentos colocados à disposição das crianças na escola infantil deverão atender às suas necessidades e aos seus interesses. Uma estrutura bem-organizada, que contemple o desenvolvimento das mais diferentes linguagens infantis, também deverá estar presente nos espaços externos. Segundo Zabalza (1998), a eficácia dos materiais educativos durante a etapa infantil deverá estar vinculada à sua potencialidade para desencadear na criança um processo multidimensional.

As ações de mover-se, observar, criar, imaginar, analisar, comparar, comunicar e relacionar-se com as pessoas deverão estar contempladas no contexto da escola infantil. Um princípio básico para selecionarmos materiais qualificados para interações das crianças é aquele que oferece múltiplas respostas à sua ação; portanto, materiais muito estruturados, que respondem de uma mesma e única maneira à ação das crianças, serão os menos indicados. Além disso, é importante pensarmos em materiais de diferentes procedências, privilegiando os de madeira.

Segundo Teresa Arribas (2004), é preciso critérios que haja para classificar os materiais e orientar os educadores quando eles se propõem a adquiri-los ou a organizá-los conforme sua procedência, sua utilização, seu valor pedagógico e sua relação com as atividades e as diferentes áreas do currículo.

Nesse sentido, em se tratando de materiais a serem disponibilizados nos pátios, é possível organizá-los de acordo com a estrutura que definimos como a mais adequada às dimensões, à topografia do terreno, às características socioculturais da região e às áreas que serão contempladas. É importante lembrar que os critérios para organização dos espaços – delimitação, transformação, estruturação, estética, pluralidade, autonomia, segurança e polivalência – deverão nortear a disponibilização desses materiais.

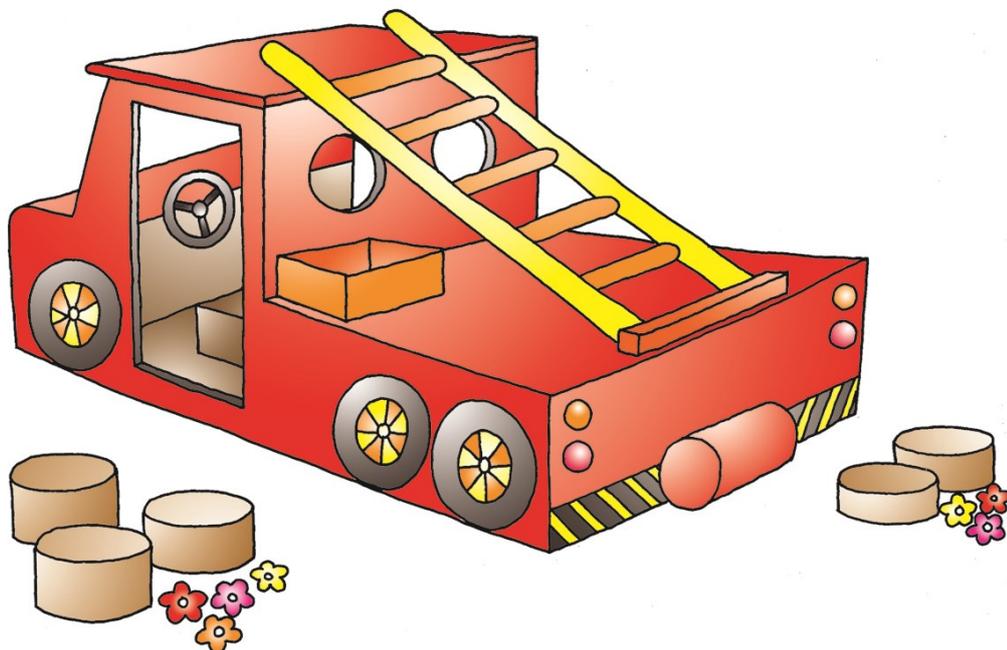
Os materiais abaixo sugeridos poderão ser colocados à disposição das crianças nas diferentes áreas e ser continuamente reprogramados.

Materiais e equipamentos fixos	Cabana, casinha, caixa de areia, canos com água, piscina, fonte ou similar; troncos grandes; túneis ou tubos, rodas fixas no chão, bancos para crianças e adultos, rampas de cimento, caixas para os brinquedos do pátio, montes de terra, cordas para subir, ônibus, carro ou trem de madeira; circuitos e jogos pintados no solo, toldos, lonas, valas, área para animais, elementos de jardinagem ou horta.
Materiais e equipamentos semimóveis	Bancos, troncos; rodas de caminhão; pedaços grandes de madeira.
Materiais e equipamentos móveis	Rodas de carro, caixas plásticas, tábuas; motocas, patinetes, skate; caixa com rodas, mangueira, potes plásticos; materiais da caixa de areia, cordas, ferramentas, bolas, aros,

3.1. MATERIAIS E EQUIPAMENTOS

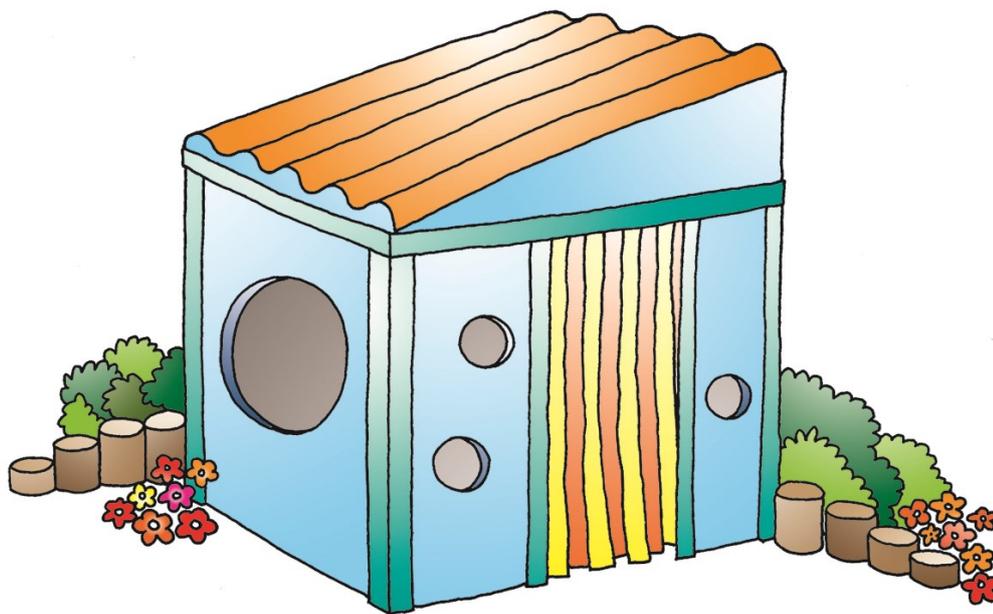
Os materiais e equipamentos abaixo sugeridos, poderão ser utilizados por crianças de diferentes faixas etárias e também adaptados aos diferentes contextos de espaços externos das unidades do Proinfância. Estarão dispostos em locais compatíveis com seu uso.

FIGURA 3.1 CAMINHÃO COM ESCADA



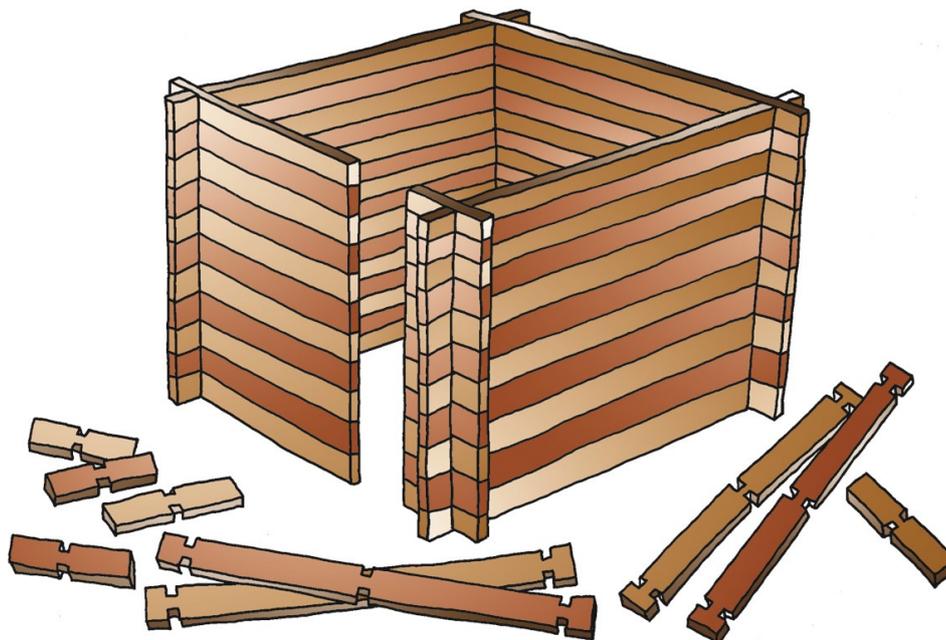
Este equipamento é construído com madeira e pode se transformar em carro de bombeiro, em navio, em caminhão conforme os enredos de jogos simbólicos propostos pelas crianças

FIGURA 3.2. CASINHA



Casinha com diferentes tipos de abertura

FIGURA 3.3. PEDAÇOS DE MADEIRA PRÉ MOLDADOS



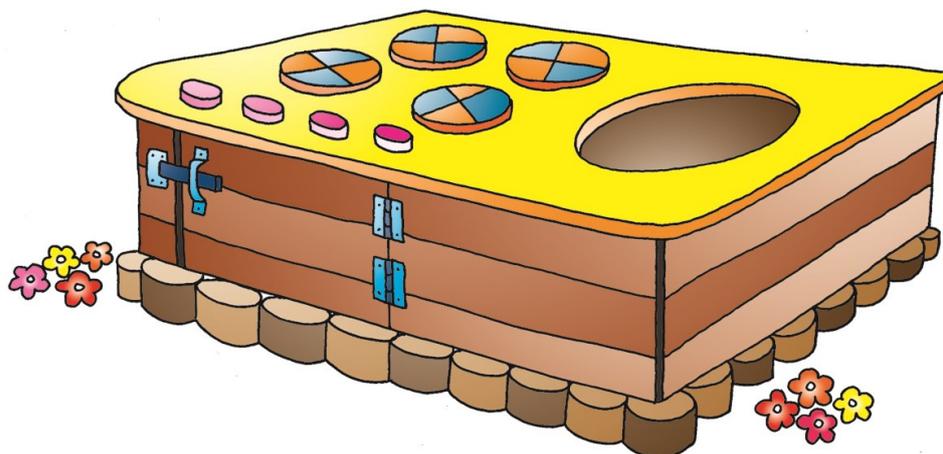
Este material se constitui de pedaços de madeira que encaixados, poderão servir para construir muros, casas cabanas.

FIGURA 3.4. ESCADAS DE TRONCOS



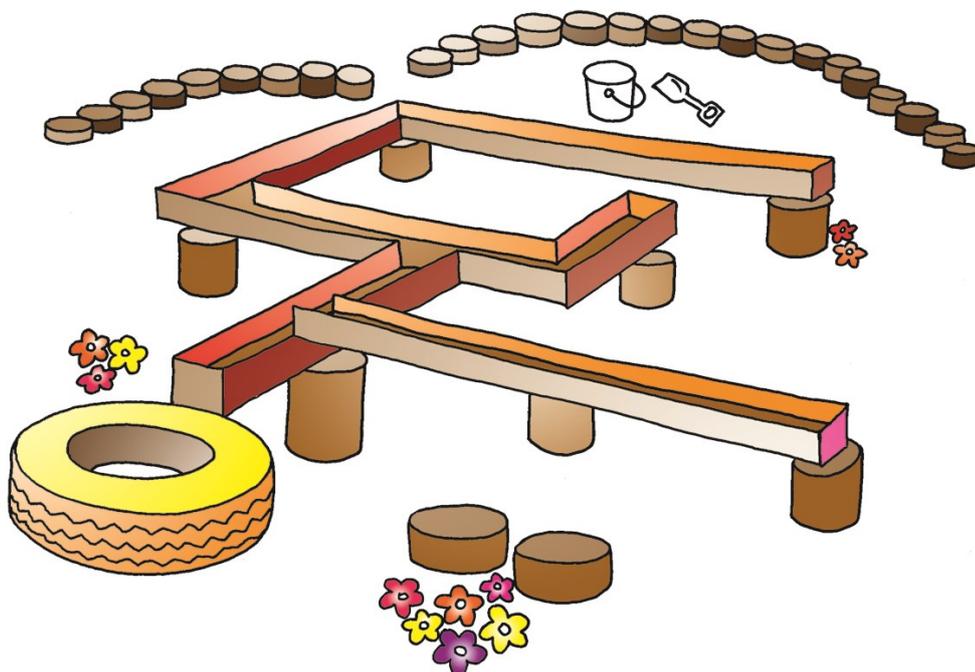
Estes equipamentos podem complementar pequenas elevações do terreno, permitindo às crianças outros modos de exploração.

FIGURA 3.5. FOGÃO A LENHA



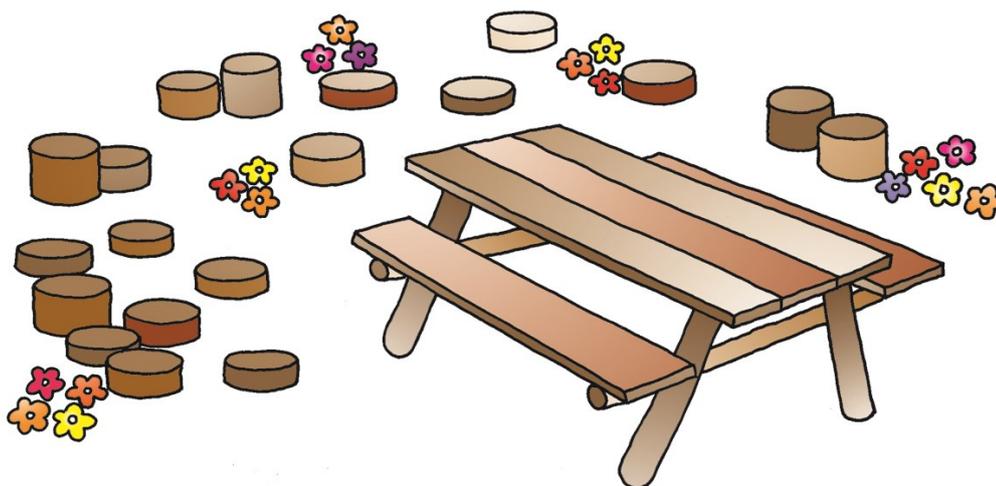
Este material se constitui em uma replica de um fogão a lenha, que poderá ser construído com madeira ou com tijolos, para “cozinhar” no espaço externo.

FIGURA 3.6. LABIRINTO DE MADEIRA



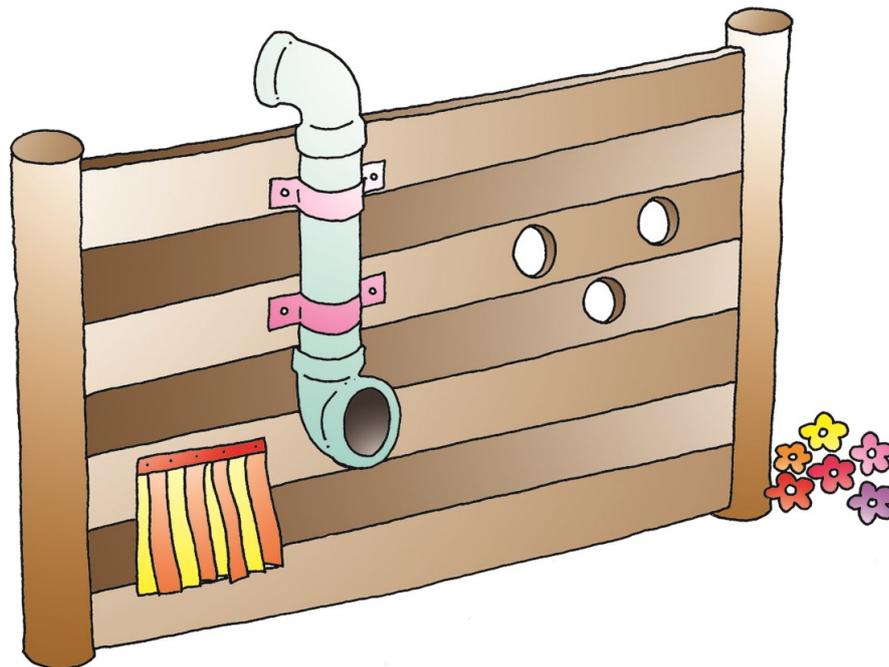
Este equipamento poderá ser usado com água, bolas, carrinhos e outros objetos para deslizar sobre as canaletas.

FIGURA 3.7. Mesa de madeira com bancos acoplados



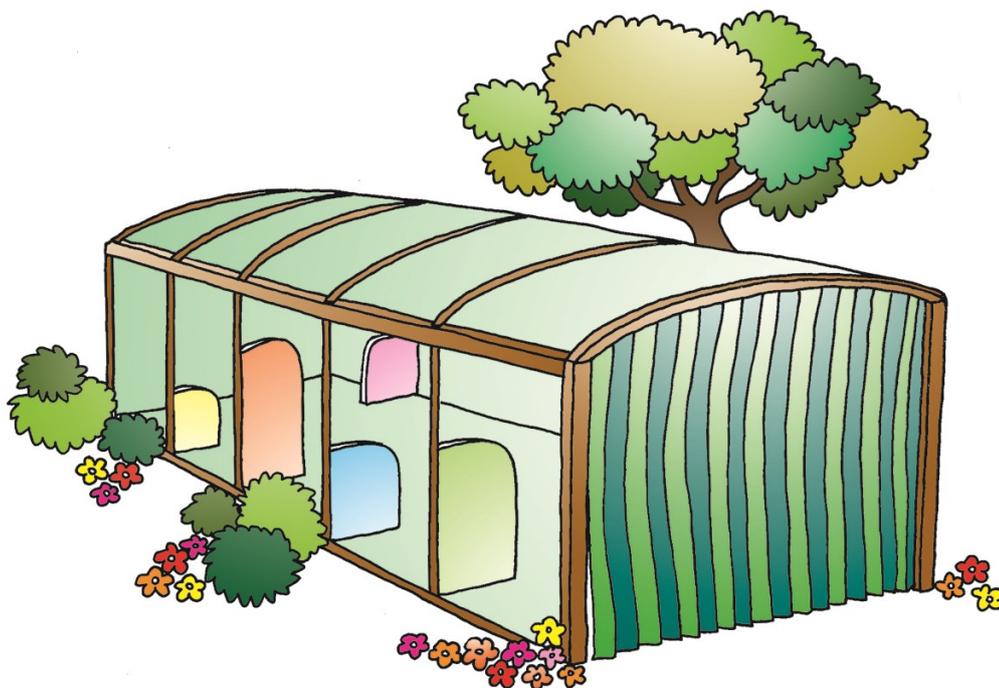
Este equipamento poderá ser usado para muitas atividades ao ar livre como lanche, realizar atividades grafo plásticas, interagir com livros, dentre outras.

FIGURA 3.8. PERISCÓPIO



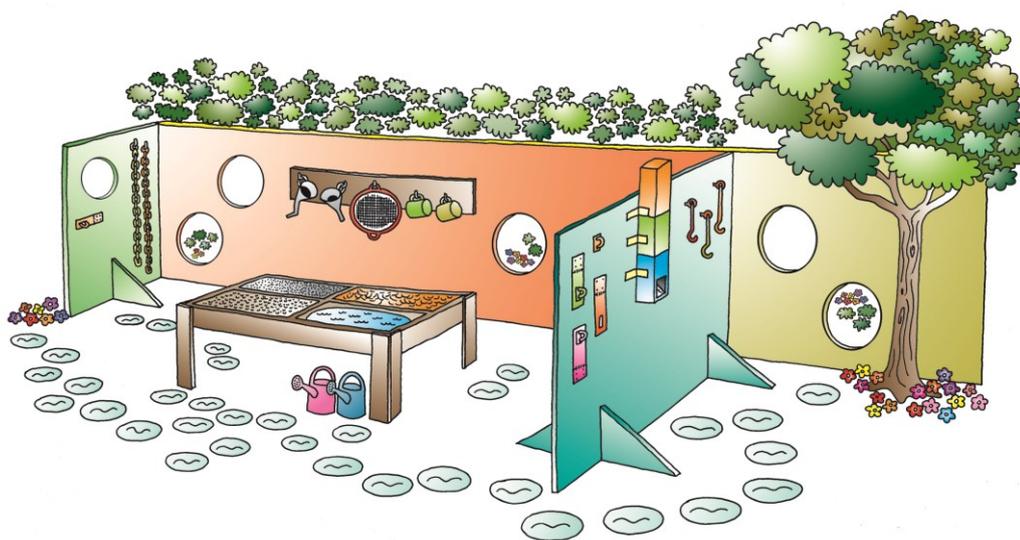
Mural de madeira aonde pode ser fixado um periscópio , bem como se disponibilizar aberturas para poder ver o “outro lado”.

FIGURA 3.9. TUNEL



Tunel construído com telhado transparente, com percurso interno marcado com trajetos diferenciados. A porta poderá ser de tiras de material emborrachado.

FIGURA 3.10. PAINEL DE MADEIRA



Este painel poderá servir como divisório para espaço externo e terá elementos que suscitem a interação das crianças como periscópio, dobradiças, dentre outros.

4. PARA AVALIAR E REFLETIR

Será quê?	Sim	Não	Providências
Os espaços externos da instituição se constituem em uma alternativa para atuações diferenciadas dos envolvidos nos processos educativos da infância?			
A organização do pátio prevê áreas diferenciadas que contemplem as diferentes linguagens infantis?			
A organização dos espaços externos permite a construção de novos arranjos, possibilitando às crianças a realização de múltiplas atividades nesses espaços?			
Os materiais disponibilizados às crianças possibilitam interações diversificadas e promovem relações entre pares?			
O espaço externo promove experiências significativas com o ambiente natural, como contato com areia, pedras, água, grama e diferentes tipos de vegetação?			

Referências

ARRIBAS, Teresa et al. *Educação infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

FEDRIZZI, Beatriz. A organização espacial em pátios escolares grandes e pequenos. *Projeto do Lugar*, Rio de Janeiro, PROARQ, v. 1, p. 221-229, 2002.

FONTORA CAOBELLI, Janaína. A importância de uma pedagogia ao ar livre. *Pátio Educação Infantil*, Porto Alegre, Grupo A, n. 34, p. 34-36, 2013.

HORN, Maria da Graça Souza. Diagnóstico da utilização dos espaços físicos das unidades do Proinfância, por amostra, apontando as principais distorções, subutilizações e dificuldades na organização dos espaços físicos conforme proposto no projeto. COEDI/ MEC, 2013

_____. Estudo propositivo sobre a organização dos espaços internos das unidades do Proinfância em conformidade com as orientações desse programa e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEIs) com vistas a subsidiar a qualidade no atendimento. COEDI/ MEC, 2013.

_____. *Cores, sons, aromas e sabores: a organização dos espaços na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. ; HADDAD, Lenira. Mais do que um lugar para gastar energia. *Pátio Educação Infantil*, Porto Alegre, Grupo A, n. 34, p. 8-11, 2013.

TIRIBA, Lea. *Educação de crianças de 0 a 6 anos*. PUC-Rio de Janeiro, s/d.

ZABALZA, Miguel A. *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Revista Pátio Infantil. Porto Alegre, Grupo A. Sessão Dicas: n. 5 (ano 2004), n. 7 (ano 2005), n. 9 (ano 2005), n. 13 (ano 2007), n. 14 (ano 2007), n. 25 (ano 2010) n. 26 (ano 2011), n. 34, (2013) n. 35 (ano 2013).